

## A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense

The election of Donald Trump and the reconfiguration of the American religious right

La elección de Donald Trump y la reconfiguración de la derecha religiosa estadounidense

### **Marco Aurélio Dias de Souza**

---

Doutor em sociologia em UNESP\Araraquara.  
Professor adjunto de sociologia da educação na  
Universidade Federal de Sergipe. Campus  
Itabaiana.

**Resumo:** Esse artigo debate a votação maciça de evangélicos brancos e a participação da direita religiosa estadunidense na campanha e nas primeiras decisões da presidência Donald Trump. Para isso, questiona como se formou a aliança entre o político republicano e o movimento conservador religioso, ao debater, com base em uma análise sociologia-histórica, como ambos os lados tiveram que adequar seu discurso para chegar à vitória. Para atingir esse resultado, utilizou-se um arcabouço teórico composto por análises clássicas sobre o conservadorismo e a relação religião e política nos Estados Unidos, além de comentários de analistas, pesquisas eleitorais e notícias de jornais sobre as eleições e medidas recentemente aprovadas. O intuito, ao fazer isso, é demonstrar uma mudança de enfoque do movimento político-religioso, que abraçou um candidato que não representava os valores morais que eles historicamente defendiam, para alcançar vantagens pragmáticas que fariam com que o movimento voltasse a galgar posições de influência na política

estadunidense. Assim, o artigo parte da trajetória do movimento, indicando momentos que ele conquistou e perdeu prestígio na política do país, através de uma postura bastante combativa e da fomentação de um discurso de Guerra Cultural, e debate os motivos para a formação dessa nova aliança. Em consequência, ele demonstra também como, após as eleições, o movimento conseguiu influenciar a indicação de cargos e decisões políticas do presidente, levando os EUA em direção ao que pode ser a presidência mais conservadora de todos os tempos.

**Palavras-chave:** Voto Evangélico Branco. Direita Religiosa. Imigração. Movimento Conservador. EUA.

**Abstract:** This Paper discusses the mass white evangelicals vote and participation of the American religious right at political campaign and the first decisions of Donald Trump's presidency. For this, it questions how the alliance between the republican politician and the conservative religious movement was formed. Based on a sociological-historic analysis, as both sides had to tailor their speech to reach victory. To achieve this result, we used a

theoretical framework composed of classical analyzes about conservatism and the relationship between religion and politics in the United States, as well as comments from analysts, polls, newspaper reports on the recently elections and approved measures. The aim of this paper is to demonstrate a shift in focus from political-religious movement, who embraced a candidate who didn't represent the moral values which they historically defended, to achieve pragmatic advantages that would make the movement to return to positions of influence in American politics. So, the paper shows the trajectory of movement, indicating moments that it conquered and lost prestige in the country's politics, through a rather combative posture and the fomentation of a discourse of Culture War, and debate the reasons for the formation of this new alliance. Consequently, it also demonstrates how, after the elections, the movement managed to influence the appointment of positions and political decisions of the president, leading the US toward what may be the most conservative presidency of all time.

**Key words:** Evangelical White Vote. Religious Right, Immigration, Conservatism Movement, USA.

### 1. Introdução

As pesquisas sobre sociedade, política e religião nos EUA vêm em um crescente nas ciências sociais, extrapolando as fronteiras do país norte-americano e atraindo o interesse de pesquisadores ao redor

de todo o planeta. Nossa contribuição para essa linha de pesquisa se dá através de análises sobre os movimentos conservadores<sup>1</sup>, a

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos aos movimentos conservadores, delimitamos aqui que estaremos tratando especificamente de movimentos ligados ao novo conservadorismo estadunidense que tem seu

polarização política, o conceito de Guerra Cultural e a respeito da relação entre religião e política durante as últimas décadas. Esse artigo enquadra-se nessas temáticas ao trazer o debate sobre a participação de evangélicos brancos na campanha presidencial vitoriosa e nos primeiros meses do governo Donald Trump, com o intuito de demonstrar as recentes transformações no perfil da direita religiosa no país.

Assim, é importante partir do fato de que, no decorrer de 2016 levou a uma das mais surpreendentes eleições da história dos EUA. Nela, após uma prévia eleitoral acirradíssima, ao qual, pré-candidatos republicanos<sup>2</sup> se digladiaram pelo apoio das principais correntes conservadoras, historicamente vinculadas ao partido, Donald Trump arrastou-se até a vitória sobre a candidata democrata Hillary Clinton em uma campanha repleta de polarização política e escândalos<sup>3</sup>.

---

início na década de 1960 e se difere de vertentes anteriores.

<sup>2</sup> Entre os pré-candidatos do Partido Republicano estavam nomes bem mais consolidados como Ted Cruz, Marco Rubio e John Kasich.

<sup>3</sup> Como o ciberataque russo e as tentativas de recontagem de votos em Michigan, Pensilvânia e Wisconsin.

Em meio a essas disputas, o político republicano foi constantemente avaliado por analistas políticos, adversários, meios de comunicação e até mesmo por possíveis aliados como uma figura caricata, populista, protecionista, machista, pouco religioso e dotado de valores morais controversos<sup>4</sup>. Essa imagem foi fortalecida por gafes, posicionamentos e projetos políticos que estiveram presentes em toda a sua campanha, fazendo com que, Trump sofresse constantes ataques e uma profunda rejeição advindos de setores influentes dos dois espectros políticos mais consolidados do país. Assim, ele era malvisto pelos setores liberais e progressistas da sociedade e, também, por grande parcela das lideranças conservadoras, que não o enxergavam como o candidato ideal para carregar a sua bandeira.

Por esse motivo, o político republicano, ao sofrer a rejeição de grupos tradicionalmente ligados ao Partido Republicano, como os liberais radicais e os neoconservadores, construiu sua campanha a partir de uma busca pelo apoio de um eleitorado que não se sentia

---

<sup>4</sup> Embora presbiteriano Trump era visto como alguém não religioso e constantemente envolvido em casos de escândalos e excessos.

plenamente representado na política do país e que destilava seu rancor contra as elites partidárias democratas e republicanas.

Assim, mesmo carregando uma forte oposição e não sagrando-se vencedor da eleição no número total de votos, visto que, o candidato republicano teve 62.984.825votos contra 65.853.516de sua opositora, Trump elegeu-se ao atingir uma somatória de delegados maior do que sua adversária (com um total de 306 contra 232 de Clinton<sup>5</sup>).

Em meio a divulgação do resultado oficial e o choque trazido pela sua vitória, começaram a ser divulgadas pesquisas que traziam o entendimento dos motivos de sua vitória e mapeavam os diferentes grupos e regiões que apoiaram cada um dos candidatos<sup>6</sup>.Com a análise desses dados, algumas surpresas sobre o pleito foram reveladas, entre elas, a porcentagem de seus votos que advieram de evangélicos brancos e que atingiram um total de 81% dos votos desse grupo. Essa votação

expressiva foi superior a conseguida por candidatos vistos como mais naturalmente alinhados a esse grupo de eleitores, como George W. Bush (78%), John McCain (74%) e Mitt Romney (78%).

Junto a esses dados, a principal surpresa estava no fato de Trump dificilmente se enquadrar como um candidato bem avaliado pelos setores conservadores cristãos do país, o que certamente indicava que o eleitorado em questão deixava de buscar “valores morais” como argumento principal para a escolha de um candidato e o substituíria por outras preocupações mais pragmáticas como a rejeição aos imigrantes e a promessa da indicação de um juiz conservador para a Suprema Corte. Essa mudança no foco das lideranças da direita religiosa indica o crescimento da influência de um outro grupo sobre as correntes conservadoras religiosas, os *Alt-Right*, que vem se fortalecendo na política mundial e tem como pontos de sua agenda a supremacia branca e a luta contra a globalização.

Como reflexo desse apoio, após sua vitória, Trump estreitou sua relação com lideranças e com a agenda da direita cristã, unificando

---

<sup>5</sup> É importante destacar que no sistema eleitoral estadunidense a vantagem nos votos não garante a vitória, sendo importante a conquista dos representantes de cada Estado, onde Trump conquistou 30 Estados contra 21 de sua opositora.

<sup>6</sup> Entre as pesquisas destacam-se as publicadas pelo *Pew Religion Forum* que tem enfoque na análise da participação religiosa na política nacional.

em suas fileiras, até mesmo, líderes que relutaram em o apoiar durante a disputa eleitoral. Para esses evangélicos brancos, Trump tornou-se uma esperança de que uma agenda conservadora fosse implantada de maneira mais aprofundada no país, algo que outros presidentes mais bem quistos pelo movimento pouco conseguiram avançar<sup>7</sup>.

Assim, esse trabalho analisa os motivos para esse apoio, debatendo as causas, possibilidades políticas e sua relação com as mudanças nas forças presentes no próprio movimento conservador estadunidense. Partindo de análise de comentaristas, notícias de jornais, revistas acadêmicas e algumas das principais referências sobre o tema, resgataremos, dentro da tradição da sociologia histórica, como foi construída essa aliança, trazendo ao leitor a possibilidade de identificar como a direita religiosa passou por transformações em sua agenda e no foco de suas manifestações e como o

jogo político fez com que o movimento aceitasse Trump como seu candidato e presidente. Para isso, dividimos o artigo, a partir dessa introdução, em duas partes:

A primeira resgatará a participação da direita religiosa na política estadunidense, relacionando sua atuação com a trajetória de outras correntes conservadoras no país. Para fazer isso, realizamos uma rápida descrição histórica a partir das principais referências sobre a formação do novo conservadorismo estadunidense, assim como, sobre o debate em torno da participação de religiosos na política do país durante as últimas décadas, como intuito de demonstrar como os evangélicos brancos se posicionaram quanto a questão da participação política, abordando, de maneira geral, as agendas, bandeiras e expectativas políticas desse grupo com relação as eleições presidenciais.

A segunda parte debate as causas do apoio desse grupo ao presidente, visitando pontos de dissidência e estratégias que colaboraram com a participação de lideranças do movimento religioso na campanha vitoriosa. Para isso, demonstraremos como Trump

---

<sup>7</sup> A direita religiosa já havia se mostrado decisiva nas eleições de Ronald Reagan e de George W. Bush, porém, após os pleitos o movimento teve a influência de sua agenda diminuída em relação a outras agendas conservadoras, como no caso dos liberais radicais durante o governo Reagan e neoconservadores na administração Bush.

enlaçou o apoio de algumas das principais figuras do movimento evangélico conservador como James Dobson e Jerry Falwell Jr., aproximando-se, por esse motivo, de uma grande rede de apoio e de uma gama de ativistas capazes de mobilizar sua campanha rumo à vitória.

A intensão, ao aprofundar a construção dessa relação, é demonstrar como a direita religiosa alterou seu discurso de candidato ideal, apoiando um candidato fora dos moldes defendidos pelo movimento e como Trump, após eleito, se apegou ao movimento para suprir a ausência de apoio de outros setores históricos do Partido Republicano como as correntes libertárias e neoconservadoras e embarcou em uma remodelada agenda conservadora que vem ganhando força no país. Paralelamente, focamos no apoio realizado pelos religiosos conservadores a Trump após as eleições e seus respectivos ganhos relacionados a aprovação ou rejeição de medidas relacionadas aos interesses do grupo, assim como, mostraremos a sua influência na formação de equipe do presidente

republicano e em suas primeiras decisões. Para assim, explicar como a rejeição e o isolamento de Trump vem caminhando para a construção do que pode vir a ser a presidência mais reacionária da história dos EUA.

### **2. Participar ou se abster: as origens do novo conservadorismo estadunidense e os caminhos para a participação política do “bom cristão”.**

Pensar as origens do novo conservadorismo estadunidense é analisar a trajetória de três correntes diversas de pensamento que, ao longo da história do país, se confrontaram e estabeleceram alianças políticas, em muitos momentos vitoriosas, mas, que se mostraram pouco estáveis a longo prazo. Como definiram Sorman (1983) e Apple (2002), o novo conservadorismo estadunidense fundou-se pelo liberalismo radical<sup>8</sup>, pelo conservadorismo tradicionalista<sup>9</sup> e pelo movimento denominado como direita cristã ou direita religiosa<sup>10</sup>.

A partir disso, nota-se que a sua origem, como fenômeno

---

<sup>8</sup> Também denominado nos EUA como libertários, em suas linhas estão neoliberais e anarcocapitalistas.

<sup>9</sup> Também conhecido nos EUA como conservadores, onde, se enquadram os neoconservadores, os populistas nacionalistas e os defensores do nativismo.

<sup>10</sup> O termo inicial foi definido como direita cristã, uma vez que, incluía principalmente grupos advindos de setores Batistas do Sul, contudo, a partir do final dos anos 1980, ocorreu a inclusão de outros setores do cristianismo e o judaísmo.

propriamente político, data da campanha presidencial de Barry Goldwater em 1964. Nela, o candidato republicano derrotou a consolidada corrente liberal<sup>11</sup>, comandada por Nelson Rockefeller, durante as prévias do Partido Republicano e lançou-se à corrida presidencial com o apoio de grupos que, até então, pouco participavam da política estadunidense. É importante destacar que a não obrigatoriedade do voto e a baixa participação nas eleições estadunidense fortalecem a importância da atração de grupos que costumemente não votam e que essa estratégia esteve muito presente na trajetória do novo conservadorismo estadunidense. Por esse motivo, Goldwater trouxe para sua campanha grupos que defendiam a diminuição da atuação do Estado na sociedade, conservadores culturais e defensores da não interferência federal nas decisões estaduais, assim como, uma grande

leva de anticomunistas, defensores da segregação racial e do modo de vida sulista que também se identificaram com as propostas do político republicano.

Embora não tenha saído vencedor, sua disputa eleitoral contra Lyndon Johnson foi uma das primeiras da história, ao qual, ambos candidatos utilizaram a televisão como arma para atacar o rival. Em meio a essa nova formatação das campanhas eleitorais e da crescente rivalidade entre apoiadores de cada um dos lados da disputa, estruturaram-se duas das principais correntes formadoras do novo conservadorismo estadunidense: os conservadores e os libertários. Dessa forma, foi a partir da lista de apoiadores da campanha de Goldwater que surgiram as primeiras lideranças, revistas, espaços de discussão, grêmios e grupos políticos ligados a essas duas correntes intelectuais<sup>12</sup>.

Para além dessa estruturação inicial, conservadores e libertários

---

<sup>11</sup> O uso do termo liberal na política estadunidense está vinculado a correntes que defendiam uma maior intervenção do Estado na sociedade com o intuito de impedir discrepâncias provocadas por fatores externos ao mérito individual, o termo se popularizou após o governo Franklin Delano Roosevelt e tornou-se dominante na agenda dos dois principais partidos do país, ou seja, tanto democratas quanto republicanos defendiam uma agenda bastante similar entre a década de 1930 e o início da década e 1960.

---

<sup>12</sup> A influência da campanha de Goldwater na política estadunidense é tão marcante que Ronald Reagan teve sua primeira participação em um discurso de apoio ao político republicano e, mesmo figuras relevantes do Partido Democrata, como Hilary Clinton, afirmaram terem se empolgado com o movimento em torno do político conservador.

passaram a disputar a dominância de suas ideias no interior do Partido Republicano<sup>13</sup>, colaborando com a guinada de posições que fez com que o partido alavancasse, anos depois, as vitórias de Richard Nixon, Ronald Reagan, George Bush e George W. Bush.

Já o terceiro grupo, que complementou a tradição do novo conservadorismo estadunidense, teve uma entrada um pouco mais tardia no campo político conservador, ao retomar a participação dos evangélicos/conservadores/brancos na política contemporânea. Para entender esse processo é importante identificar os motivos que fizeram com que esse grupo, primeiramente, deixasse a reclusão e o distanciamento da vida política para, na década de 1970, concluírem que o papel do “bom cristão” era retomar um papel ativo nessa esfera.

Essa reentrada na política refletiu o término de cerca de 40 anos de uma tentativa de auto isolamento por parte das vertentes mais fundamentalistas do protestantismo estadunidense. Um distanciamento que ocorrera pela crise na influência

desses grupos, ainda nos anos 1920 e 1930, que resultou da derrubada e questionamento de uma série de legislações que eram fortemente influenciadas por grupos religiosos, como os exemplos do caso Scopes em 1925 e a revogação da lei seca em 1933.

A derrota na manutenção dessas legislações e a perda do controle dos conservadores religiosos sobre as decisões do país foram motivadas por transformações na sociedade estadunidense, como por exemplo o crescimento e urbanização das cidades, a ampliação da variedade das imigrações, a chegada de novas teorias científicas. A consequência desse processo foi a decisão, por parte desses grupos, de que a política representava uma arena degenerada e, conseqüentemente, que o papel de um homem religioso era evitar a participação política e optar pelo isolamento em sua comunidade. Como resultado disso, grupos fundamentalistas afastaram-se do debate público e desenvolveram suas próprias escolas e universidades<sup>14</sup>.

Esse processo de isolamento foi acentuado com o fim da

---

<sup>13</sup> Com o crescimento dessas correntes no Partido Republicano muitas das lideranças liberais migraram para o Partido Democrata.

---

<sup>14</sup> (MARTIN, 1996).



segregação no país, uma vez que, as decisões federais passaram a forçar o sistema de *busing*<sup>15</sup> e a combater as escolas que segregavam. Assim, as escolas religiosas que cresciam sob o argumento de evitar o contato desses cristãos com o mundo corrompido, também, passaram a servir ao propósito dos que defendiam a segregação racial, pois, elas acabavam fechando seu atendimento a grupos que eram teológica e racialmente coesos, ao mesmo tempo em que, negavam o acesso à indivíduos externos<sup>16</sup>.

Simultaneamente, outro fator que contribuiu para o afastamento de grupos religiosos no período veio de legislações federais que impediam o financiamento de grupos religiosos com fins de caridade ou educacionais que se envolvessem na vida política<sup>17</sup>. Ou seja, para garantir isenções de impostos e o recebimento de auxílios educacionais as organizações, clubes, escolas e universidades cristãs eram

obrigados a se afastarem do debate e das campanhas políticas.

Esse auto isolamento, de uma maneira geral, manteve-se forte até o final dos anos 1960, ao ponto de alguns líderes religiosos conservadores, como Jerry Falwell, constantemente criticarem pastores progressistas que estavam na linha de frente das lutas pelos direitos civis. Esses pastores progressistas ganhavam terreno e visibilidade ao se aproximarem aos, cada vez mais, barulhentos movimentos organizados por jovens e, com isso, despertavam um novo período de avivamento religioso no país.

A questão é que a participação desses movimentos progressistas na vida política trouxe uma série de mudanças na sociedade estadunidense, ampliando, conseqüentemente, a pressão sobre as vertentes conservadores, que, já na década de 1970, principalmente, após a decisão do caso Roe contra Wade<sup>18</sup>, voltaram a organizar-se com o intuito de participar da vida política do país.

---

<sup>15</sup> O *Busing* tentava garantir a pluralidade racial nas escolas, transportando crianças para bairros racialmente homogêneos.

<sup>16</sup> Um exemplo disso é a Universidade Bob Jones que somente aceitou alunos não brancos a partir de 1978 após uma ordem federal, decisão essa que foi um dos motivos da formação dos primeiros movimentos da nova direita cristã.

<sup>17</sup> A principal legislação com essa função foi a *Johnson Amendment*, aprovada em 1954, que nos últimos meses vem sofrendo alterações pela administração Trump.

---

<sup>18</sup> Decisão da Suprema Corte americana de 1973 que tornou legal a interrupção da gravidez respeitando ressalvas e o direito dos Estados. Desde então a revogação desta decisão tem sido uma das bandeiras mais fortes da direita cristã.

Como primeira experiência desse processo temos a campanha política do democrata Jimmy Carter em 1975. Embora ainda não possamos defini-la como uma tentativa organizada de controle da política pelos grupos conservadores religiosos, o presidente democrata elegeu-se a partir de uma maciça votação religiosa. Isso ocorreu, pois, as instituições e a política estadunidense viviam uma séria crise de credibilidade, motivado pelo impeachment de Richard Nixon, que afetou de maneira radical a confiança da população no país. Como resposta, Carter construiu uma imagem de ser um candidato que não pertencia a política e que era repleto de valores morais e profundamente religiosos<sup>19</sup>, o que rapidamente atraiu o voto dos evangélicos e possibilitou a sua vitória.

Contudo, ao atrair o voto evangélico, Carter trouxe para o centro da agenda de seu governo a pressão para a aprovação as suas pautas, como: a cobrança por uma definição clara de família, a rejeição ao aborto e a luta contra questões consideradas amorais por esses

grupos. Ou seja, Carter se viu entre as correntes progressivas que cresciam no interior do Partido Democrata e um eleitorado conservador que havia garantido sua eleição, isso fazia com que o presidente tivesse a impossível tarefa de governar com duas agendas completamente distintas. Se o interesse dos evangélicos sobre a administração Carter foi algo explosivo, seu desinteresse também ocorreu com uma força inacreditável, visto que, o presidente pouco avançou nos temas de interesse do grupo<sup>20</sup>. Esse afastamento do governo democrata possibilitou a aproximação desses movimentos ao Partido Republicano e a formação do que ficaria conhecida como a direita cristã nos anos que se seguiram, entre eles a *Moral Majority*.

Zwier escreveu em 1982 o livro que seria o principal clássico sobre a entrada desse grupo na política e argumentou que esses movimentos possuíam estratégias bastante inovadoras, uma vez que, partiam de listas de eleitores arregimentados no interior das congregações religiosas e da capacidade de arrecadação advinda

---

<sup>19</sup> Chegando a abandonar compromissos de campanha para ensinar na escola dominical de sua Igreja.

---

<sup>20</sup> (MARTIN, 1996).

de televangelistas famosos como Jerry Falwell, Jim e Tammy Baker, entre outros<sup>21</sup>. Isso fazia com que o grupo possuísse uma grande capacidade de mobilização, o que era ampliado por métodos como a utilização do serviço de mala direta para arrecadação de fundo se um contato mais próximo aos eleitores. Através da formação desse movimento criou-se uma estrutura de financiamento para os candidatos que recebiam sua aprovação ao defenderem a agenda anticomunista, o livre mercado, a noção tradicional de família, o suporte a Israel<sup>22</sup> e que rejeitassem métodos contraceptivos e o aborto.

Em meio ao surgimento desses movimentos, ocorreu uma aproximação, cada vez maior, com as lideranças republicanas e com outras correntes do conservadorismo, formando uma aliança que poucos anos depois possibilitou a eleição de Ronald Reagan com um forte apoio das três correntes conservadoras e

com uma votação maciça do eleitorado evangélico.

Como resultado dessa vitória, a direita religiosa ganhou status de principal responsável pela eleição do candidato republicano e conquistou, com isso, o direito de participar do governo. Todavia, embora Reagan mantivesse a Casa Branca aberta para as principais lideranças do movimento, como Jerry Falwell, ele pouco avançou as medidas com enfoque culturais presentes na agenda do movimento, dando prioridade para o combate ao comunismo<sup>23</sup> e a expansão das reformas neoliberais no país e no mundo. Isso fazia com que líderes da direita religiosa passassem a viver um impasse com relação ao governo, pois, embora conseguissem ser ouvidos e ter uma grande visibilidade ao atrelar sua imagem à do presidente, isso não representava a aprovação de suas proposições e a possibilidade de transformar o país em uma “terra moral”.

Isso fez com que durante grande parte dos anos 1980 a direita religiosa desempenhasse um papel de apoio ao presidente e, ao mesmo

---

<sup>21</sup> (ZWIER, 1982).

<sup>22</sup> Embora não presente na agenda de todos os grupos da direita religiosa a agenda de apoio a Israel estava inclusa na da *Moral Majority* que entendia o Cristianismo e o Judaísmo como religiões irmãs e o apoio à região como uma forma de controlar o crescimento do Islamismo.

---

<sup>23</sup> O anticomunismo manteve-se como principal motivação de unidade entre as correntes conservadoras até a queda do muro de Berlim.

tempo, consolidava a ideia de que seus membros eram “Guerreiros de Cristo” pela alma dos EUA. Contudo, o dilema envolvendo a proximidade com o governo e a falta de efetividade disso, somado ao aparecimento de denúncias envolvendo algumas das lideranças e televangelistas<sup>24</sup> ligados ao movimento fizeram com que a direita religiosa se reestruturasse no decorrer da década, culminando com a candidatura de Pat Robertson nas prévias republicanas para a eleição de 1988.

Robertson lançou-se candidato a partir da ideia de que não bastava para a direita religiosa apoiar a eleição de um presidente que simpatizasse com a sua agenda, era necessário ter um presidente que fosse um “Guerreiro de Cristo”. Em um caso semelhante ao de Goldwater em 1964, Robertson foi derrotado por George Bush, desta vez ainda nas prévias republicanas, para dar lugar a algo maior, visto que, a partir da lista dos apoiadores de sua campanha surgiu, no início dos anos 1990, a *Cristian Coalition*. Essa nova organização rapidamente tornou-se a principal liderança da direita cristã e

ampliou o sucesso do movimento em termos de acesso ao poder, elegendo seus candidatos para uma série de cargos ao redor do país.

Segundo (MARTIN, 1996), a presença desses novos deputados e conselheiros educacionais apoiados pelo movimento mostrava que a direita religiosa passava por mudanças em sua estratégia, abandonando a obsessão de eleger um presidente e a preocupação de influenciar o executivo do país e, com isso, decidindo que era mais relevante eleger representantes que pudessem tomar posições mais próximas ao interesse do movimento. Ao mesmo tempo, o movimento abriu suas fronteiras de arregimentação, assimilando judeus e católicos conservadores em suas fileiras e atuando claramente no sentido do que passou a ser denominado como Guerra Cultural no país.

Hunter (1991) definiu Guerra Cultural como uma forte oposição entre dois *ethos* de visão moral, totalmente opostos entre si, sendo, um conservador e religioso e outro liberal e progressista que estariam dispostos a batalhar entre si pela prevalência de suas visões de mundo na sociedade. “O fim para cada uma

---

<sup>24</sup> O mais notável desses escândalos envolveu o casal Jim e Tammy Baker.

*destas hostilidades tende a ser a dominação de um ethos moral e cultural sobre todos os outros.”* (HUNTER, 1991, p.42).

A ideia de Guerra Cultural ganhou cada vez mais força durante a década de 1990 e rapidamente foi absorvida por ativistas e pela mídia do país. O que fez com que, cada eleição polarizada fosse narrada como algo que pudesse se transformar em uma nova Guerra Civil, de maneira que, a leitura do processo democrático passou a ser interpretada como uma batalha campal pela tomada de controle do país. Nesse sentido, a ideia de Guerra Cultural compreendida que a sociedade era dividida meio-a-meio entre pessoas dispostas a defender posições conservadoras e pessoas que batalhariam por posições liberais<sup>25</sup>.

Autores como Fiorina, Abrams e Pope (2006) mostraram que essa leitura ampliava a polarização política no país, uma vez que, de acordo com seus estudos, apenas os extremos, cerca de 10% que se denominava conservador e 10% que se definia como liberal, estavam realmente dispostos a adotar uma postura mais combativa quando se tratava de

temas relacionados a vida privada, como a liberdade sexual, direitos reprodutivos, etc. Para os autores, a maioria da população pouco se interessava por questões políticas, alternando, em seu dia-a-dia, visões liberais e conservadoras que variavam de acordo com o tema. Deste modo, o que ocorria no país era que, toda vez que um dos temas radicalizados envolvendo a Guerra Cultural aparecia na mídia, era dado destaque a opinião de ativistas dos dois lados do espectro e não do americano médio. Isso era motivado por uma ânsia dos meios de comunicação em conseguir notícias, cada vez mais, impressionantes e fazia com que o radicalismo de uma pequena parcela da população fosse entendido como o comportamento geral do país.

Como mostramos em nossa tese de doutoramento, (SOUZA, 2014), a temática da Guerra Cultural fortaleceu-se nos EUA quando chegou ao término a Guerra Fria e ocorreu a dissolução da União Soviética. No período, ocorreu um realinhamento da aliança conservadora, visto que, se enfraquecia a força retórica do anticomunismo e deixaria de existir a

---

<sup>25</sup> (HUNTER; WOLF (org.), 2016).

presença de um inimigo externo como laço centralizador de suas mobilizações. Por causa disso, eles passaram a concentrar, cada vez mais, sua atenção na ideia de “decadência” da Cultura estadunidense, na crítica aos novos modos de vida e na rejeição de valores externos que adentravam na nação. Em muitos momentos, essas transformações da sociedade eram compreendidas, pelos setores conservadores, como tentativas de distorções do modo de vida estadunidense que ainda eram reflexos de estratégias de infiltrações de “comunistas” que haviam se instalado, em décadas anteriores, nas universidades, jornais e no próprio Partido Democrata para incentivar o politicamente correto e desmobilizar valores culturais tradicionais.

O fato é que a narrativa da Guerra Cultural deu força para a atuação dos ativistas e dominou também leituras sobre as eleições, que, a cada pleito, investiam na divulgação de mapas eleitorais que dividiam o país em regiões conservadoras e liberais. Essa leitura foi contestada pelos autores e análises mais profundas sobre o

voto<sup>26</sup>, que demonstravam que mesmo os estados que eram definidos como conservadores e republicanos também possuíam uma grande parcela da população que se definia como liberal e democrata.

Contudo, durante o início dos anos 1990, a força dessa temática de Guerra Cultural foi tão marcante que atingiu a própria convenção republicana para as eleições de 1992, quando inúmeros membros da direita cristã defenderam a necessidade de lutar pela alma do país, em cada rua de cada cidade.

Clinton foi eleito presidente no auge desse clima beligerante e acabou sendo profundamente pressionado por ser considerado um presidente “amoral”. Não é à toa que o presidente democrata passou por uma série de bloqueios, pedidos de impeachment e ataques durante o seu mandato<sup>27</sup>, já que, a oposição ao presidente democrata vinha do clima de Guerra Cultural e da estratégia da direita religiosa e dos conservadores

<sup>26</sup> (FIORINA; ABRAMS; POPE, 2006).

<sup>27</sup> Entre o movimento mais forte contra o presidente estava o liderado pelo presidente da Câmara legislativa Newt Gingrich e seu *Contract With America*, que aproveitava da maioria republicana nas casas do legislativo para impedir as medidas vindas do executivo e da base governista e aprovar, a toque de caixa, medidas totalmente contrárias às propostas pelo presidente.

de eleger o máximo de representantes para os cargos legislativos.

A questão é que, se essa estratégia radicalizada, em curto prazo, foi bastante proveitosa para o Partido Republicano pressionar Clinton, em longo prazo, ela se tornou desastrosa, uma vez que, os deputados ligados a *Cristian Coalition* passaram a concentrar sua atuação em medidas de interesse da organização e a rejeitar qualquer proposta bipartidárias ou mesmo republicanas que estivessem fora da agenda contra a governabilidade do presidente. Junto a isso, as táticas obstrucionistas passaram a ser duramente condenadas por congressistas democratas e o debate moralizador sustentado pelo Partido Republicano começou a ser condenado pela opinião pública, que via candidatos que se colocavam como guardiões da moral serem constantemente desmascarados<sup>28</sup>.

A radicalização da agenda, a dificuldade de dialogar e os constantes escândalos envolvendo

líderes e políticos ligados a direita religiosa, novamente, fizeram com que a organização perdesse força, ao ponto da grande maioria dos representantes eleitos com o selo de apoio da organização não conseguirem se reeleger na eleição seguinte.

Esse esfacelamento da direita religiosa mostrou claramente o porquê o movimento, mesmo insistindo na ideia de Guerra Cultural, foi rapidamente substituído pelos neoconservadores quando George W. Bush chegou a presidência. Aos líderes da direita religiosa restava sua influência dentro do público cristão conservador, agora expandido mundialmente através de organizações e meios de comunicação, e o destaque, muitas vezes negativo, relacionado a fala de alguns televangelista e líderes do movimento, como os casos envolvendo o furacão Katrina<sup>29</sup> e os atentados de 11 de setembro<sup>30</sup>.

Esse enfraquecimento da influência dos movimentos ligados a

---

<sup>28</sup> Entre esses episódios, o mais notável foi a proposta publicada pelo dono da Hustler, Larry Flynt, que se propôs a pagar por gravações de congressistas conservadores em situações constrangedoras. A proposta rapidamente foi atendida pela população que começou a denunciar e enviar material com casos de comportamento “amoral” de congressistas republicanos.

---

<sup>29</sup> Em 2008, Pat Robertson argumentou que o furacão foi resultado do número de abortos ocorridos no país.

<sup>30</sup> Após os atentados de 11 de setembro de 2001, Jerry Falwell afirmou eles eram resultados da tentativa de pagãos, feministas, gays e partidários do aborto tentarem laicizar o país.

direita cristã na política pode ser relacionado a mudança geracional vivenciou-se dentro da própria comunidade religiosa, ao qual, a nova geração passou a rejeitar o discurso radical dos líderes do movimento. Junto a isso, ocorreu o fortalecimento do movimento denominado esquerda religiosa<sup>31</sup> que defendia que a aproximação das pessoas à religião deveria ocorrer através de uma visão de Deus que significasse amor e perdão e não o ódio. Outro fator relevante para o enfraquecimento da direita religiosa no país estava o próprio envelhecimento e morte das lideranças do movimento, como exemplos tivemos o falecimento de Jerry Falwell em 2007 e o afastamento de Pat Robertson da vida política.

A questão é que embora tenham reduzido sua visibilidade e força política em relação a décadas anteriores, muito também pelo enfraquecimento e questionamento da narrativa de existência de uma Guerra Cultural, a direita religiosa continuou fortemente ligada ao Partido Republicano, auxiliando em proposições do partido e conectando-

se com novas forças do conservadorismo que foram surgindo ao longo da última década<sup>32</sup>. Como exemplo disso, pode-se apontar as altas porcentagens de votos conquistadas por candidatos republicanos advindos desse setor e as constantes manifestações do movimento contra as medidas tomadas pelo último presidente democrata, Barack Hussein Obama<sup>33</sup>.

### **3. Das promessas de campanha as medidas favoráveis à direita religiosa: Causas e consequências do apoio evangélico branco a Trump**

No dia 21 de junho de 2016, na cidade de Nova York, realizou-se um encontro entre Donald Trump e as principais lideranças da direita religiosa no país. Essa reunião, ocorrida cerca de duas semanas após a vitória do candidato republicano nas prévias de seu partido, foi determinante para que ele alcançasse, meses depois, a

---

<sup>32</sup> Como o *Tea Party* e os *Alt-Right*.

<sup>33</sup> Embora a principal oposição a administração Obama tenha vindo do *Tea Party*, um grupo conservador com um enfoque na leitura ao pé da letra da constituição, o presidente democrata também sofreu constantes críticas advindas de setores ligados a direita religiosa, principalmente, em temas relacionados a decisão da Suprema Corte em favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, em casos relacionados ao Obamacare e programas governamentais que privilegiavam o controle de natalidade por meio de métodos contraceptivos.

---

<sup>31</sup> Sobre influência de Jim Wallis e do rabino Michael Lerner.



presidência dos EUA e indicou um realinhamento do apoio evangélico branco, uma vez que, como apontou (SMITH, 2017b), a maioria deles preferia outros candidatos, o que fazia com que nomes como Ted Cruz fossem escolhas mais naturais ao cargo durante as prévias.

Logicamente, esse encontro entre o futuro presidente e as lideranças evangélicas não foi o primeiro passo dado por Trump e sua equipe para atrair esses eleitores. Antes disso, no dia 15 de junho de 2016, o evangélico conservador Mike Pence foi indicado para ser o vice da chapa republicana, em uma tentativa clara de arregimentar o apoio do eleitorado conservador religioso. Junto a indicação de um vice de viés conservador, criou-se um compromisso de campanha que faria com que os dois lados alinhassem seus discursos e aproximassem pontos de interesse entre as duas agendas. Como resultado, Trump atraiu para suas fileiras nomes importantes da direita religiosa, como Jerry Falwell Jr.<sup>34</sup>, Ralph E. Reed

Jr.<sup>35</sup>, James Dobson<sup>36</sup> e James Robinson<sup>37</sup>, entre outros pastores e ativistas relacionados ao movimento.

Meses depois, no dia 10 de outubro de 2016, outro grande evento organizado na *Liberty University* trazia o agora candidato da direita cristã para selar o apoio dos evangélicos brancos a ele. Segundo Miller (2016), Ralph E. Reed Jr. e Jerry Falwell Jr. saíram profundamente encantados e satisfeitos com o discurso e com os compromissos selados por Trump, visto que, ele reconhecia pontos importantes da agenda do grupo como a dupla nacionalidade dos evangélicos do país (uma estadunidense e a outra do reino dos céus) e apresentava a plataforma política mais *pró-vida* da história do Partido Republicano. Ao citar Ralph Reed Jr., (MAEKOE, 2016) mostrou que a campanha presidencial de Trump foi a que apresentou o mais agressivo apelo ao voto evangélico desde Ronald Reagan em 1980, ou,

---

<sup>34</sup> Falwell Jr. é diretor da *Liberty University* uma das maiores universidades cristã do mundo. Seu falecido pai, Jerry Falwell, foi uma das principais lideranças da direita cristã americana, um dos fundadores da *Moral Majority* e da própria universidade.

---

<sup>35</sup> Reed Jr. foi durante o início dos anos 1990 a face jovem do movimento, fundado por Pat Robertson, *Christian Coalition* e desde 2009 lidera a *Faith and Freedom Coalition*.

<sup>36</sup> Dobson fundou em 1977 a *Focus on the Family* e, desde então, é uma das principais lideranças do conservadorismo religioso estadunidense.

<sup>37</sup> Robinson é um dos televangelista mais famosos da história estadunidense e um dos fundadores da *Life Outreach Internacional*.

segundo a fala do próprio Reed: “Ele fez desses votos de fé a peça central de sua campanha”<sup>38</sup>.

Seguindo a mesma linha, em seu programa, o *Family Talk Radio*, James Dobson explicitou três fatores que atraíram o apoio do movimento a Donald Trump, a santidade da vida humana, as garantias constitucionais à liberdade religiosa e a promessa de Trump de indicar um juiz pró-vida para a suprema corte. Assim, entre os principais temas apresentados na sua campanha estavam seu posicionamento a favor da causa anti-aborto e a promessa da prevenção para que novos abortos não ocorressem no país. (FLESCHER, 2017) indicou que esses três pontos, enfatizados pelo então candidato, eram bastante semelhantes aos pontos defendidos pela *Moral Majority* nos anos 1980 e que a direita religiosa se manteve firme, ao longo dos anos, na defesa de valores da família tradicional, na oposição ao aborto e na rejeição aos direitos legais aos homossexuais.

Em meio a tentativa de alinhar os discursos, Trump abraçou a agenda do movimento, enviando cartas de compromissos a

organizações conservadoras, como a destinada a líder da *Pro-life Coalition*, Marjorie Dannenfelser, ao qual, o candidato republicano se comprometia a nomear juízes pró-vida a suprema corte, retirar fundos da Planned Parenthood caso eles continuassem a apoiar programas a favor do aborto e fazer uma legislação que impedisse que impostos fossem destinados ao financiamento de abortos<sup>39</sup>. Junto a isso, ele afirmou várias vezes durante sua campanha que se opunha ao casamento entre homossexuais, contudo, este não foi um dos pontos mais consistente de sua campanha.

Embora essas reuniões trouxessem um importante apoio para o candidato, elas também geraram oposições dentro das correntes evangélicas brancas do país. Uma série de pastores<sup>40</sup> se mobilizou contra a formação dessa aliança, principalmente, por rejeitar os posicionamentos machistas e xenófobos do então candidato republicano. Entre esses pastores vale destacar um dos líderes da *Southern Baptist Convention*, Russell Moore, que constantemente

---

<sup>39</sup> (TRUMP, 2016).

<sup>40</sup> Como Denny Burk, Max Lucado, Erick Erickson, entre outros.

---

<sup>38</sup> (MARKOE, apud REED, 2016).

denunciou o apoio das lideranças cristãs à Trump como uma atitude não cristã. Como resultado a essa oposição, após os líderes da direita cristã declararem apoio a Trump, Moore foi constantemente atacado pelos membros do movimento e pelo próprio candidato, que chegou a questionar o tipo de liderança que estava à frente das organizações cristãs do país<sup>41</sup>.

Essa ruptura entre algumas das principais lideranças, provocada por Trump, afetou o movimento evangélico estadunidense desde do desafio de lidar com o crescimento proporcional de uma audiência multicultural, o aumento da influência de pastores não brancos chegando na insatisfação dos evangélicos jovens com o discurso radicalizado das lideranças da direita cristã.

Como argumentaram Campolo e Claiborne (2016), a grande maioria dos evangélicos não brancos já havia se posicionado contra o racismo, sexismo e a xenofobia presentes na campanha do candidato republicano. O que ocorreu em um momento em que, a forte liderança exercida sobre a comunidade evangélica

conservadora por “homens, brancos e velhos” vem sendo lentamente substituída por líderes de origens multiculturais.

Essa mudança na liderança cristã é fruto direto de transformações na sociedade estadunidense, uma vez que, em 2016, cristãos brancos encolheram para 43% da população<sup>42</sup>, número bem inferior ao de décadas anteriores. Somado a isso, encontramos o crescimento no número de americanos que se definem sem afiliação religiosa, que, no mesmo ano, alcançou um total de 25% da população e que atingiu 35% entre os membros da chamada geração do milênio. Ainda de acordo com os autores, essa nova realidade da fé nos EUA fez com que se desenvolvesse um dilema no evangelismo conservador, forçando-os a procurar novas lideranças advindas de comunidades latinas e negras ou a correr o risco de perder a influência na sociedade.

A questão é que, no decorrer das duas últimas décadas, o discurso propagado pelos líderes da direita religiosa perdeu influência entre as

---

<sup>41</sup> (GJELTEN, 2016).

---

<sup>42</sup> Vale reforçar que, esses 43% representam a porcentagem de cristãos brancos em todas as denominações e não apenas nas de viés conservador.

novas gerações de evangélicos, que passaram a optar por pastores que propagassem um discurso mais conciliador, questionar o discurso radicalizado das velhas lideranças e rejeitar a ideia de Guerra Cultural. Um exemplo disso pode ser percebido quando, no dia do evento em apoio à Trump na *Liberty University*, milhares de alunos entregaram um abaixo assinado contra o apoio de seus líderes a ele, o que trouxe à tona a força dessa questão geracional, cada vez mais, presente no cenário do movimento<sup>43</sup>.

Decisões como esta indicam uma mudança do perfil do grupo, visto que, jovens evangélicos têm demonstrado pouco interesse em defender pontos nevrálgicos da mobilização política da direita religiosa por acreditarem que a característica principal dos ensinamentos do cristianismo seria o amor ao próximo. Isso, entretanto, não quer dizer que jovens evangélicos são contrários aos temas clássicos do movimento como o combate ao aborto ou a rejeição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, mas, que eles procuram uma maneira menos radical de se mobilizar com relação a

esses temas. Essa nova abordagem vem referendada por uma busca por argumentos mais sofisticados para as áreas de conflito entre os dogmas da religião e o mundo laico e por uma formação profissional extremamente qualificada no interior das instituições cristãs, algo que quebra o senso comum de que conservadores cristãos são intolerantes e pouco educados. Nesse sentido, a ruptura entre gerações colocaria em xeque todo o futuro das coligações da direita religiosa e reforçaria a urgência do apoio de algumas das lideranças à Trump, principalmente, por elas estarem incontestes com o processo de acomodação<sup>44</sup> que o movimento tende a passar com a ascensão dessa nova geração às posições de liderança<sup>45</sup>.

Junto a isso, a diminuição da população cristã branca vem gerando pânico em alguns setores da sociedade, auxiliando o crescimento de movimentos supremacistas, que se

---

<sup>44</sup> (HUNTER, 1983) trabalhou com o binômio resistência e acomodação para explicar as trajetórias diversas de inúmeros grupos protestantes, entendendo como acomodação a tentativa de enquadramento das crenças às transformações da sociedade e resistência a rejeição as mudanças e o fechamento em leituras fundamentalistas das escrituras.

<sup>45</sup> Vale lembrar que o voto em Trump entre os jovens republicanos com idade menor que 30 foi inferior a dois terços desses eleitores, enquanto que, 85% dos eleitores republicanos com mais de 30 anos votaram em Trump.

---

<sup>43</sup> (SHAPIRO, (et AL), 2016).

entendem como uma tentativa de proteger a cultura nacional<sup>46</sup>. No relatório publicado pelo *Baylor Institute for Studies of Religion*<sup>47</sup> afirmou-se que entre os pontos comuns da agenda de Trump e da direita religiosa está a rejeição a globalização, o que seria atualmente uma das grandes incoerências do movimento, já que, durante os anos 1990, as principais organizações como a *Focus on Family*, a *Family Research Council* e a *Concerned Women for America* ampliaram sua atuação de maneira global, o que foi seguido pelas transmissões dos principais canais ligados aos evangélicos brancos como a Christian Broadcasting Network (CBN).

Lampert e Çeta, (2017) identificaram que o fenômeno de rejeição de valores culturais externos vem fortalecendo-se no ocidente e reflete uma polarização política entre dois grupos, os patriotas e os igualitários. Enquanto patriotas teriam em sua agenda um forte sentimento nacionalista, uma crítica

à imigração e aos valores culturais externos, os igualitários seriam dotados de uma visão cosmopolita de mundo e aceitariam o contato e a troca com outras culturas. Essa polarização seria responsável por fenômenos como o BREXIT e a eleição de Trump, visto que, seriam respostas às mudanças na política contemporânea, resultados de um distanciamento entre as elites políticas e a população comum. Com esse distanciamento, uma parte da população passou a negar as elites políticas já estabelecidas, surgindo a oportunidade de figuras externas construírem arquétipos que representem uma agenda negativa a essas lideranças e englobem os posicionamentos de grupos radicalizados em seu discurso.

Love (2017) mostrou que em muitos momentos Trump se colocou a favor de posições supremacistas, por exemplo, quando acusou os mexicanos de serem estupradores, chamou a senadora democrata Elizabeth Warren de Pocahontas e se recusou a denunciar David Duke, que era membro da *K.K.K.* e, mesmo assim, foi candidato republicano ao governo da Louisiana, reafirmando, em cada um desses momentos os

---

<sup>46</sup> Jim Wallis um dos fundadores da esquerda religiosa nos EUA criticou duramente a postura de alguns setores evangélicos do país, apontando que estava na hora de sair em defesa dos mais vulneráveis impedindo todas as formas de supremacia branca.

<sup>47</sup> (BAYLOR INSTITUTE FOR STUDIES OF RELIGION, 2017).

EUA como uma nação branca. A autora acrescentou que, segundo o *Southern Poverty Law Center*, os grupos de ódio vêm em um crescente após o 11 de setembro de 2001 e que durante os dois mandatos de Barack Obama eles ganharam ainda mais influência. Isso ocorreu devido aos números da recessão econômica e uma série de iniciativas aprovadas pelo ex-presidente, como a tentativa descontrolada do porte de armas, a reforma no sistema de saúde e as questões envolvendo o tema da imigração. As aprovações dessas decisões fizeram com que o ex-presidente fosse visto como socialista ou, em alguns momentos, como um fascista por alguns desses movimentos.

Como mostrou (GIMPEL, 2016), Trump afirmou-se como candidato por, diferentemente dos outros pré-candidatos republicanos, perceber que a questão da imigração havia se tornado a principal preocupação do eleitorado conservador, sendo considerada extremamente relevante para o voto de 74.1% dos republicanos<sup>48</sup> e superando temas que historicamente

estiveram à frente em termos de preocupação para o grupo, como o aborto e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Enquanto os outros pré-candidatos republicanos evitavam deixar clara sua posição sobre o tema, com o intuito de não perder o apoio da comunidade latina, Trump aproveitou-se da preocupação de uma parcela do eleitorado e posicionou-se de forma clara a favor das deportações, da construção de um muro entre EUA e México e de um controle rígido dos imigrantes<sup>49</sup>. Como o tema da imigração vinha em um crescente entre os *grassroots*<sup>50</sup> republicanos, principalmente, pela demora da recuperação econômica do país e por uma nova onda conservadora liderada pelos *Alt-Right*<sup>51</sup>, sua abordagem sobre o tema tornou-se uma das principais responsáveis pela eleição do candidato republicano.

Em meio a essa mudança nas preocupações do eleitorado

---

<sup>49</sup> O atual presidente chegou a comparar imigrantes ilegais mexicanos a baratas.

<sup>50</sup> A melhor tradução para *grassroots* seria movimentos de base ou mesmo ativistas, contudo, consideramos que ambas as traduções perdem muito do sentido dado ao termo no EUA, de maneira que, utilizaremos o termo original.

<sup>51</sup> Grupo conservador que mais cresce no mundo ao utilizar a liberdade da internet e de meios de comunicação como a música para ampliar sua visibilidade e declarar discursos vinculados ao nacionalismo, poder branco e rejeição a minorias.

---

<sup>48</sup> Atualmente 68% dos republicanos defendem a deportação.

conservador<sup>52</sup>, as lideranças da direita religiosa começaram, também, a absorver esse discurso, como forma de manter de sua influência e prestígio político, principalmente, refletindo a rejeição da imigração como um argumento contrário ao islamismo e a defesa da “América” como uma terra de cristãos.

Após debater o realinhamento das lideranças da direita religiosa com o candidato republicano, é necessário discutir outros motivos que justifiquem a votação da comunidade evangélica em Trump, afinal, se existia uma ruptura entre algumas das lideranças do movimento e os setores mais jovens e mesmo assim tivemos uma votação expressiva nele, quais outros fatores fizeram com que 81% dos evangélicos que compareceram às urnas votarem nele?

Como primeira explicação para essa questão está o fato do voto não ser obrigatório nos EUA, o que fez, com que muitos dos evangélicos

contrários a Trump não comparecerem às urnas, pois, também rejeitavam as políticas aprovadas durante as gestões Barack Obama e a candidatura de Hillary Clinton. A contrariedade à Clinton foi tão intensa que, segundo o relatório publicado no *Pew Religion Forum* por (SMITH,2016), 33% dos eleitores de Trump afirmaram que o principal motivo do voto no candidato republicano era ele não ser a candidata democrata. Essa porcentagem apresentou-se ainda de forma mais elevada entre os evangélicos brancos e atingiu 35% dos que votaram em Trump, o que foi maior ou igual ao total de eleitores que optaram por ele devido a outros motivos, como, por exemplo, o um terço dos eleitores que votou por concordar com suas posições sobre determinados assuntos, os 26% que disseram votar nele por ele não ser um político profissional<sup>53</sup>e os 20% pelo seu estilo de dizer o que pensa.

A rejeição a candidata democrata foi tão determinante entre os eleitores evangélicos de Trump que a porcentagem de seus eleitores que

---

<sup>52</sup> Vale destacar que até o início da década figuras importantes do conservadorismo, que debatiam o tema da imigração, como Linda Chavez (do *Center for Equal Opportunity*) e John Fonte (do *Hudson Institute*) tinham como principal preocupação de seus trabalhos a questão da assimilação dos imigrantes e que os argumentos presentes na campanha foram muito mais radicalizados do que essas propostas, negando a necessidade da permanência desses imigrantes no país.

---

<sup>53</sup> (SMITH, 2016) apontou que 38% dos evangélicos apontaram a importância de Trump nunca ter ocupado um cargo como fator relevante para o voto nele.

apontou a importância de suas posições econômicas (78%) foi próxima ao número dos que citaram não gostar de Clinton (76%)<sup>54</sup>. Muito dessa rejeição estava fortemente relacionada a campanha realizada pelas lideranças da direita religiosa que enxergavam a candidata democrata como uma ameaça aos cristãos brancos. Um exemplo disso pode ser destacado no texto do pastor Michael Brown, (BROWN, 2016), republicado em diversos sites de organizações conservadoras cristãs, que defendia que, ao ser eleita, Clinton iniciaria uma guerra contra inúmeros aspectos da fé, como o direito à vida e as questões envolvendo homossexuais, ou, de acordo com as palavras do pastor: “se você votar em Clinton você vai ter o sangue de crianças não nascidas nas mãos”. Outro exemplo, pode ser destacado no texto escrito pelo pastor sênior da *Free Chapel*, Jentezel

Frankilin<sup>55</sup>, que defendeu que essa era a eleição mais importante da história estadunidense, uma vez que, a Suprema Corte havia decidido pela permissão do casamento entre pessoas do mesmo sexo<sup>56</sup>.

Como resultado de toda essa mobilização conservadora, Trump foi eleito, contrariando todas as análises, e, diferentemente dos outros presidentes republicanos que tiveram um forte apoio de outras correntes mais consolidadas no Partido Republicano, agora ele devia governar para o grupo que o elegeu.

De acordo com Jeremy Peters, (PETERS, 2017), estavam presentes na cerimônia religiosa de sua posse alguns dos nomes mais influentes da direita religiosa, entre eles James Dobson e James Robinson. Dobson inclusive abençoou o vice-presidente Pence, repetindo a frase que simbolizou o despertar da mobilização da direita religiosa no país: “Avante, soldados Cristãos”. Após o culto, ao ser questionado sobre a formação do gabinete presidencial, Robinson declarou que o presidente republicano havia feito a melhor escolha que ele já viu e que

---

<sup>54</sup> Como mostram (CROWNSON; BRANDES, 2017), essa oposição pode ser explicada a partir do nível de autoritarismo de direita e orientação de dominância social presentes no eleitorado dos dois candidatos, uma vez que, a plataforma política de Trump era hierarquizada, focando suas medidas em grupos conservadores, anti-imigração e religiosos e a de Clinton tinha um enfoque igualitário com enfoque no direito de minorias, igualdade de Gênero, direitos LGBTQ, igualdade racial, auxílio aos pobres e pessoas com deficiência.

---

<sup>55</sup> (FRANKILIN, 2016).

<sup>56</sup> O que é considerado para o pastor uma decisão com o mesmo peso da decisão no caso Roe contra Wade.



acreditava que Trump fora designado e era um presente de Deus nesse momento.

Esse compromisso dos líderes da direita cristã com presidente republicano se mostrou recíproco, visto que, Trump, após ser nomeado, passou o seu número pessoal de telefone para eles e começou a preencher posições chave do governo<sup>57</sup> com indicações que agradavam ou pertenciam ao movimento. Esse esforço do presidente americano em incluí-los tem sido bastante elogiado, até mesmo, por lideranças mais críticas a ele, como Penny Young Nance<sup>58</sup> do *Concerned Women for America* que declarou: “Nós estamos felizes por estar errados”<sup>59</sup>.

Love (2017) mostrou que Trump realmente abraçou em seu governo a indicação de homens brancos e conservadores, entre eles, Rex Tillerson<sup>60</sup> como Secretário de

Estado, Rick Perry<sup>61</sup> como Secretário de Energia, Scott Pruitt<sup>62</sup> para a Agência de Proteção Ambiental e Jeff Sessions<sup>63</sup> para a Procuradoria Geral. Junto a essas indicações o presidente incluiu membros da direita religiosa em posições estratégicas para o movimento, como Tom Price<sup>64</sup> na Secretaria de Saúde e Betsy DeVos<sup>65</sup> como Secretária da Educação.

Analisando as primeiras indicações de Trump percebe-se que ele construiu um gabinete de forte impacto conservador, agradando à direita religiosa ao nomear pessoas contrárias ao aborto<sup>66</sup> e a localizar cristãos conservadores em posições de destaque como Educação e Saúde, ao mesmo tempo em que, optou por homens brancos com forte apelo ao meio empresarial e posições bem

---

organização.

<sup>61</sup> De acordo com (DAVENPORT, 2016), Perry foi governador do Texas de 2000 até 2015 e possui pontos de vistas semelhantes ao presidente com relação a negação das questões climáticas e sobre as questões envolvendo armas nucleares.

<sup>62</sup> Pruitt tem um extenso trabalho em defesa da liberdade religiosa, da oposição ao casamento homossexual e ao aborto, além de ser um forte defensor da negação das questões ambientais no país.

<sup>63</sup> Em 2007, enquanto era senador, Sessions estava na lista dos 50 políticos mais conservadores.

<sup>64</sup> Price foi um dos principais opositores ao *Obamacare*, sendo um ferrenho pró-vida e contrário aos programas de controle de natalidade

<sup>65</sup> DeVos é favorável ao sistema de *Voucher* na educação e a liberdade de financiamento público para as escolas religiosas.

<sup>66</sup> Na formação do gabinete parece que as questões envolvendo o casamento entre pessoas do mesmo sexo também ficou em segundo plano.

---

<sup>57</sup> Como o exemplo de Ben Carson e Betsy De Vos que foram indicados ao Gabinete do presidente.

<sup>58</sup> De acordo com (STIGALL, 2016), a líder da organização de mulheres conservadoras foi uma das últimas a declarar apoio ao futuro presidente e esclareceu que isto só ocorreu pelo fato de Clinton ser a adversária.

<sup>59</sup> (PETERS, apud NANCE, 2017).

<sup>60</sup> Uma indicação mais voltada ao mundo dos negócios, embora, ele tenha sido bastante criticado por conservadores por sua ligação com a Rússia e por ter permitido, enquanto era presidente dos Escoteiros da América que jovens homossexuais participassem da

próximas as dele em cargos relacionados a área de negócios e diplomacia. Junto a essas indicações, a que possuiu maior destaque foi a do Juiz da Suprema Corte, uma vez que, mesmo antes da indicação, Trump declarou à Pat Robertson que os evangélicos amariam o seu escolhido para o cargo. A decisão por Neil Gorsuch cumpriu a principal promessa de campanha à direita religiosa, tornando novamente a Suprema Corte predominantemente conservadora, com cinco juízes de perfil conservador contra quatro juízes liberais.

Além da formação de sua equipe, Trump iniciou seu governo tomando medidas conservadoras e conseguindo, por causa disso, um apoio bem significativo dos evangélicos brancos a elas. De acordo com (SMITH, 2017a) cerca de 75% deles brancos apontaram que Trump fazia um bom trabalho nos dois primeiros meses de sua presidência. Essa aprovação foi bastante discrepante da avaliação apresentada pelo restante da população, onde, apenas 39% dos entrevistados defendiam um bom trabalho do presidente no mesmo período. O apoio ao presidente republicano foi

ainda maior entre os evangélicos brancos que frequentavam a Igreja regularmente, onde, 67% apoiavam fortemente as medidas tomadas pelo presidente.

Esse apoio pode ser explicado pela própria concepção de liberdades individuais demonstradas pelo discurso do presidente, visto que, o relatório publicado pelo *Center for Gender & Sexuality da Universidade de Columbia*<sup>67</sup>, demonstrou que, já em sua campanha eleitoral, Trump tinha uma visão bastante limitada sobre a liberdade religiosa, o que se reforçou após a sua eleição, quando membros de sua equipe de governo passaram a atacar abertamente grupos minoritários, direitos da comunidade LGBTQ e a tomarem decisões que limitavam direitos reprodutivos. Associado a isso, a administração Trump diminuiu os direitos de minorias religiosas, como os muçulmanos, através da ordem executiva que limitava a entrada de refugiados no país, o fechamento de mesquitas e a proposta de criação do registro nacional para os membros da religião. O relatório do centro destacou que todas essas medidas foram tomadas a partir de uma

---

<sup>67</sup>(CENTER FOR GENDER & SEXUALITY, 2017).

leitura equivocada da primeira ementa, ao qual, a administração defendia a liberdade religiosa apenas para os cristãos.

Com relação as restrições aos refugiados, a administração Trump assinou, no dia 27 de janeiro de 2017, a ordem executiva número 13769 que suspendia por três meses a entrada de refugiados advindos de países onde existiam um risco grave de ameaça terrorista, impedindo que refugiados do Irã, Iraque, Líbia, Somália, Sudão, Síria e Iêmen de procurar asilo no país. Junto a isso, ele suspendeu o *Refugee Admissions Program* por 120 dias, reduzindo o número de refugiados permitidos no país<sup>68</sup>. A partir dessa decisão 2611 refugiados foram impedidos de entrar no país até o dia 16 de março quando a ordem foi barrada no Supremo Tribunal Federal.

Durante esse período de disputa judicial, mais uma vez, as decisões da administração estiveram em sintonia com os anseios dos evangélicos brancos, segundo (SMITH, 2017a), 69% deles demonstravam uma profunda preocupação com o risco de ataques

terroristas no país. Junto a isso, a decisão demonstrou uma forte polarização entre a abordagem política dos dois principais partidos do país sobre o tema, com apenas 8% dos democratas sendo favoráveis a ela, enquanto, 81% dos republicanos estariam a favor. Esse mesmo ponto também mostrou diferenças entre as posições de diferentes grupos religiosos, visto que, embora a política de Trump sobre refugiados tenha sofrido a oposição de 59% dos entrevistados, 76% dos evangélicos brancos foram favoráveis a ela. Uma porcentagem bastante relevante para demonstrar o apoio dos evangélicos brancos ao político republicano, uma vez que, apenas 50% dos protestantes tradicionais, 36% dos católicos e 10% dos protestantes negros apoiaram a medida.

Junto a restrições grupos religiosos não cristãos, a administração Trump atacou as principais legislações que protegiam os direitos reprodutivos ao eliminar fundos americanos destinados a Ongs<sup>69</sup>, rescindiu as proteções aprovadas pela administração Obama

---

<sup>68</sup>(SUPREME COURT OF THE UNITED STATES, 2017).

---

<sup>69</sup> Em março de 2017, o Departamento de Estado cortou o *U. N. Population Fund* que auxiliava a realização de abortos na China e em outros países. Em abril de 2017, a administração assinou uma legislação que cortava verba de ONGS pró-aborto.

que autorizava transgêneros a utilizarem banheiros em escolas públicas e assinar uma legislação que removeu o auxílio governamental a *Planned Parenthood*<sup>70</sup>. Todas essas medidas alinham-se aos desejos da comunidade evangélica<sup>71</sup> de impedir a utilização de métodos maciços de contracepção e indicam que as organizações vinculadas à direita religiosa voltaram a ter influência sobre as decisões governamentais.

#### **4. Notas finais: indicações sobre o futuro do governo Trump.**

Após percorrer a trajetória da direita religiosa e demonstrar como foi construída a aliança do movimento com Donald Trump, destacando os seus resultados para a vitória do candidato republicano e para os movimentos que o apoiaram, podemos finalizar esse artigo ao traçar alguns dos possíveis caminhos da relação política e religião nos EUA da era Trump.

É inegável que, após as decisões tomadas nos primeiros meses de governo, os EUA caminham para um novo período de crescimento de decisões conservadoras, o que se justifica após a indicação conservadora para a Suprema Corte e as medidas tomadas após a eleição. Esse novo período de avanço conservador é reflexo de uma batalha de narrativas advindas da contrariedade de alguns setores aos 8 anos da administração Obama. Essa contrariedade foi reforçada pelos seguidos anos de crise econômica e desemprego que fizeram com que se fortalecesse uma agenda conservadora e individualista, que identificava nos imigrantes e nas minorias a razão para os males do país. Embora muitas vezes tangencial ao Partido Republicano, essa nova agenda estava além da percepção das lideranças e correntes tradicionais do partido, pois, sua radicalidade extrapolava o jogo político de atração dos eleitores padrão.

Em meio a esse processo, a eleição de Trump possibilitou à direita religiosa, que vinha em um período de enfraquecimento, uma maneira de impor sua agenda ao restante do país. Isso ocorreu,

---

<sup>70</sup> De acordo com (STARSS, 2017), a ordem executiva, aprovada no dia 23 de janeiro de 2017, interfere em grande parte dos programas de planejamento familiares e combate a doenças sexualmente transmissíveis apoiados pelos EUA no mundo.

<sup>71</sup> Em (ALBERTA, 2017).

principalmente, devido à ausência de apoio à Trump por outras correntes relevantes do Partido Republicano, durante a eleição, e primeiros meses de seu governo, que deixou um vazio que foi rapidamente ocupado pela agenda do movimento. A questão é que, por Trump não possuir uma carreira política consolidada no interior do partido, ele não estava amarrado às ligações históricas e as principais correntes republicanas, o que fez com que, sua plataforma, “Vamos fazer a América grande novamente”, fosse, em muitos momentos antagônica às posições do partido, como o exemplo, o enfoque dado pelos republicanos a defesa da livre iniciativa. Isso fez com que, ele pudesse abraçar preocupações pouco tocadas pelas lideranças partidárias, mas que eram dominantes na atuação dos ativistas conservadores.

Somado a isso, motivado pela busca por apoio durante sua campanha, Trump radicalizou e incluiu temas que não necessariamente eram defendidos por ele durante sua trajetória de vida, abraçando a agenda dos grupos que apoiaram sua campanha. Ou seja, por não ter uma trajetória dentro do partido, ele foi preenchendo sua

agenda política com os interesses da direita cristã e supremacistas brancos. Abraçar esses interesses pode indicar, em um preocupante futuro próximo, que a nova administração caminhará em um sentido controverso para diminuir a separação entre religião e política no país, principalmente, após as alterações e uma possível revogação da *Johnson Amendment*<sup>72</sup>, que eliminaria as restrições de atividades que ainda impedem a participação de igrejas diretamente na política sob o risco de perderem as isenções de impostos.

Junto a esse caminho, as lideranças da direita religiosa aproveitaram essa nova onda conservadora, vibrando com cada nova decisão presidencial, ao ponto de Ralph Reed Jr declarar como era irônico que entre tantos políticos republicanos seria Trump que se tornaria o campeão dos conservadores sociais.

Logicamente, quando pensamos o crescimento de decisões políticas conservadoras, temos que entender que elas não surgiram sem resistência. (SHANNAHAN, 2016)

---

<sup>72</sup> No dia 07 de maio, Trump enviou uma ordem executiva que alteraria pontos da legislação.

mostrou que, após a eleição, a rede de evangélicos hispânicos, negros e nativo-americanos que apoiou a campanha de Hillary Clinton lançou uma petição online e defendeu que a campanha de Trump dividiu racialmente os evangélicos fortaleceu a mobilização de supremacistas brancos. O movimento, que foi endossado pela *National African American Clergy Network*, também publicou uma carta aberta contra a indicação do supremacistas branco e editor do website “alt-right” *Breitbart News*, Stephen Bannon, como conselheiro sênior do presidente.

Nesse sentido, o relatório do *Baylor Institute for Studies of Religion*<sup>73</sup> mostrou que a vitória eleitoral de Trump favoreceu a esquerda religiosa, ainda mais ativa, e que, ao trazer uma agenda conservadora a presidência motivará protestos como o ocorrido em *Standing Rock*<sup>74</sup> em 2016. Esse movimento, fez crescer em sua agenda o ambientalismo e a defesa dos imigrantes e conta em suas colunas com ativistas católicos, protestantes tradicionais e judeus,

assim como a audiência nas Igrejas relacionadas ao movimento. Sua atuação continua se expandindo após a eleição do presidente republicano com a manifestação de dezenas de milhares de pessoas nas principais cidades do país.

O crescimento da mobilização política após a eleição de Trump, traz de volta a retórica da Guerra Cultural, atraindo a participação política e construindo uma forte oposição ao presidente<sup>75</sup>. Nesse sentido, identifica-se uma série conflitos e possibilidades tanto do lado conservador quanto do progressista para os próximos anos estadunidense.

### **Bibliografia**

ALBERTA, T. Social Conservatives Are ‘Over the Moon’ about Trump. **Político Magazine**. 26 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.politico.com/magazine/story/2017/04/26/donald-trump-social-conservatives-215073>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

APPLE, M. W. “Endireitar” a Educação: As Escolas e a Nova Aliança Conservadora. **Currículo Sem Fronteiras**. V.2, N.1, pp. 58-59, jan./jun., 2002. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol2iss1articles/apple.pdf>. Acesso em: 04 de maio de 2017.

---

<sup>73</sup> (BAYLOR INSTITUTE FOR STUDIES OF RELIGION, 2017)

<sup>74</sup> Durante o período eleitoral ocorreu o maior protesto indígena da história do país.

---

<sup>75</sup> O que vem ganhando força após o caso envolvendo a demissão do chefe do FBI e as ameaças de impeachment

BAYLOR Institute for Studies of Religion. **Religion Watch**. Vol.32, n. 3, jan. 2017. Disponível em: <http://www.religionwatch.com/tag/january-2017/>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2017.

BROWN, M. Christian Conservatives, Be Assured That President Hilary Clinton Will Declare War on You. **Stream.org**. Disponível em: <https://stream.org/beassuredpresidenthillary>. Acesso em: 05 de junho de 2017.

CAMPOLO, T.; CLAIBORNE, S. The Evangelicalism of Old White Man is Dead. **The New York Times**. 29 de novembro de 2016. Disponível em: [https://www.nytimes.com/2016/11/29/opinion/theevangelicalismofoldwhitemenisdead.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2016/11/29/opinion/theevangelicalismofoldwhitemenisdead.html?_r=0). Acesso em: 03 de janeiro de 2017.

CENTER FOR GENDER & SEXUALITY LAW. Report: Church, State & The Trump Administration. **Public Rights/ Private Conscience Project**. 30 de janeiro de 2017. Disponível em: [http://web.law.columbia.edu/sites/default/files/microsites/gender-sexuality/PRPCP/prpcp\\_trump\\_church\\_state.pdf](http://web.law.columbia.edu/sites/default/files/microsites/gender-sexuality/PRPCP/prpcp_trump_church_state.pdf). Acesso em: 05 de maio de 2017.

CROWSON, H. M.; BRANDES, J. A. Differentiating Between Donald Trump and Hillary Clinton Voters Using Facets of Right-Wing Authoritarianism and Social-Dominance Orientation: A Brief Report. **Psychological Reports**. Vol. 120, Issue 3, 2017. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0033294117697089>. Acesso em: 05 de março de 2017.

DAVEMPORT, C. Rick Perry, Ex-Governor of Texas, is Trump's Pick as Energy Secretary. **The New York Times**. 13 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/13/us/politics/rick-perry-energy-secretary-trump.html>. Acesso em: 19 de maio de 2017.

FIORINA, M. P.; ABRAMS, S. J.; POPE, J.C. **Culture Wars. The Myth of a Polarized America**. New York: Pearson Longman, 2006.

FLESCHER, P. V. M. "Donald Trump: The Evangelical Christian's Choice". **Religion Today**. Disponível em: <http://religion-today.blogspot.com>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

FRANKILIN, Z.A **Pastor Speaks: Decide to Vote, as if Your Life Depends Upon It**. Disponível em: <https://stream.org/decidevotelifedependsupon>. Acesso em: 05 de junho de 2017.

GIMPEL, J. G. Immigration Opinion and the Rise of Donald Trump. **Center for Immigration Studies**. Julho de 2016. Disponível em: <http://cis.org/Immigration-Opinion-and-the-Rise-of-Donald-Trump>. Acesso em: 20 de março de 2017.

GJELTEN, T. Evangelical Leader Under Attack for Criticizing Trump Supporters. **National Public Radio**. 20 de dezembro 2016. Disponível em: <http://www.npr.org/2016/12/20/506248119/anti-trump-evangelical-faces-backlash>. Acesso em: 04 de março de 2017.

GOLDWATER, B. *The Conscience of a Conservative*. Washington, DC: Regnery Gateway, 1990.

HUNTER, J.D. *American Evangelicalism. Conservative Religion and the Quandary of Modernity*. New Jersey: Rutgers University, 1983.

\_\_\_\_\_. *Culture Wars. The Struggle to Define America*. New York: BasicBooks, 1991.

\_\_\_\_\_, WOLFE, A. (Org) *Is There a Culture War? A Dialogue on Values and American Public Life*. Washington: Brooking Institution Press, 2006.

LAMPERT, M.; ÇETA, A. B. Three Challenges for Elites in the Cultural Revolution of Trump: Reconnecting with citizens in a time of anti-establishment voter revolts. **Research World**. Vol. 2017, número 67, Mai/jun, 2017. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/rwm3.20518/full>. Acesso em: 12 de junho de 2017, p.36-41.

LOVE, N. S. Back to the Future: Trendy Fascism, The Trump Effect, and Alt-Right. **New Political Science**. Vol.39, n.8, 14 de abril de 2017. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07393148.2017.1301321?journalCode=cnp20>. Acesso em: 13 de maio de 2017. P. 263-268.

MARKOE, L. White Evangelicals, Catholics and Mormons Carried Trump. **National Catholic Reporter**. 09 de novembro de 2016. Disponível em: <https://www.ncronline.org/news/politics/white-evangelicals-catholics-and-mormons-carried-trump>. Acesso em: 07 de abril de 2017.

MARTIN, W. **With God on Our Side**. The Rise of the Religious Right in America. New York: Broadway Books, 1996.

MILLER, E. M. 14 Conservative Christians Who Are Not Supporting Trump. **Religions News Service**. 21 de junho de 2016. Disponível em: <http://religionnews.com/2016/06/21/7-conservative-christians-who-are-not-supporting-trump/>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_ After Lewd Tape release, Ralph Reed Lays Out Evangelical Case for Trump. **Religion News Service**. 10 de outubro de 2016. Disponível em: <http://religionnews.com/2016/10/10/after-lewd-tape-release-reed-lays-out-evangelical-case-for-trump/>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2017.

NASH, G. H. **The Conservative Intellectual Movement in America**. Since 1945. Delaware: Intercollegiate Studies Institute, 1996.

PETERS, J. W. For Religious Conservatives, Success and Access at Trump White House. **New York Times**. 13 de fevereiro de 2017. Disponível em: [https://www.nytimes.com/2017/02/13/us/politics/trump-religious-conservatives.html?\\_r=0](https://www.nytimes.com/2017/02/13/us/politics/trump-religious-conservatives.html?_r=0). Acesso em: 03 março de 2017.

SHANNAHAN, C. President Trump and The Christian Right. **Open Democracy**. 14 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.opendemocracy.net/transformation/chrisshannahan/presidenttrumpan-dchristianright>. Acesso em: 19 de maio de 2017.

SHAPIRO, T. R. (et. Al.). Liberty University Students Protest Association with Trump. **The Washington Post**. 13 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/grade-point/wp/2016/10/12/liberty-is-not->

[trump-u-students-protest-donald-trump/?utm\\_term=.c378ce66fbaa](http://trump-u-students-protest-donald-trump/?utm_term=.c378ce66fbaa). Acesso em: 19 de maio de 2017.

SMITH, G. A. Many evangelicals favor Trump because he is not Clinton. **Pew Religion Forum**. 23 de setembro de 2016. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/facttank/2016/09/23/manyevangelicalsfavortrumpbecauseheisnotclinton/>. Acesso em 07 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_ Most White Evangelicals approve of Trump Travel Prohibitions and Express Concerns About Extremism. **Pew Religion Forum**. 27 de fevereiro de 2017a. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/facttank/2017/02/27/mostwhiteevangelicalsapproveoftrumtravelprohibitionandexpressconcernsaboutextremism/>. Acesso em 07 de maio de 2017.

\_\_\_\_\_ Among White evangelicals, regular churchgoers are the more supportive of Trump. **Pew Religion Forum**. 26 de abril de 2017b. Disponível em: <http://www.pewresearch.org/facttank/2017/04/2016/amongwhiteevangelicalsregularchurchgoersarethemostsupportiveoftrump/>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

SORMAN, G. **La Révolution Conservatrice Américaine**. Paris: Fayard, 1983.

SOUZA, M. A. D. O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense? Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. 14 de abril de 2014, 318 (doutorado em sociologia) Faculdade de Ciências e Letras/ Departamento de Sociologia- Unesp, Araraquara.

STARSS, A. M. The Trump global gag rule: an attack on US family planning and global health aid. **The Lancet**. Vol. 389, 04 de fevereiro 2017. Disponível em: [http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanet/PIIS0140-6736\(17\)30270-2.pdf](http://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanet/PIIS0140-6736(17)30270-2.pdf). Acesso em: 05 de março de 2017.

STIGALL, C. Head of Conservative Women's Group Express Support for Trump. **CBS/Philadelphia**. 02 de novembro de 2016. Disponível em: <http://philadelphia.cbslocal.com/2016/11/02/head-conservative-womens-group->



supports-trump/. Acesso em: 28 de fevereiro de 2017.

SUPREME COURT OF THE UNITED STATES. **Trump V. International Refugee Assistance Project**. 26 de junho de 2017. Disponível em: [https://www.supremecourt.gov/opinions/16pdf/16-1436\\_16hc.pdf](https://www.supremecourt.gov/opinions/16pdf/16-1436_16hc.pdf). Acesso em: 28 de junho de 2017.

TRUMP, D. **Trump Letter on Pro-life Coalition**. Set. 2016. Disponível em: <https://www.sba-list.org/wp-content/uploads/2016/09/Trump-Letter-on-ProLife-Coalition.pdf>. Acesso em: 04 de janeiro de 2017.

WEIGEL, D. Is Trump's new chief strategist a racist? Critics say so. **The Washington Post**.

14 de dezembro de 2016. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/politics/is-trumps-new-chief-strategist-a-racist-critics-say-so/2016/11/14/b72e2ab0-aa9d-11e6-a31b-4b6397e625d0\\_story.html?utm\\_term=.f414fe65e1b8](https://www.washingtonpost.com/politics/is-trumps-new-chief-strategist-a-racist-critics-say-so/2016/11/14/b72e2ab0-aa9d-11e6-a31b-4b6397e625d0_story.html?utm_term=.f414fe65e1b8). Acesso em: 27 de janeiro de 2017.

WOLFE, A. **One Nation, After All**. What Middle-Class Americans Really Think About: God, country, family, racism, welfare, immigration, homosexuality, work, the right, the left, and each other. New York: Viking/Penguin Group, 1998.

ZWIER, R. **Born-Again Politics**. The New Christian Right in America. Downers Grove: InterVarsity Press, 1982.